



“A bruxa tá solta”: animais e plantas com nome comum alusivo ao termo “bruxa” e derivados

Elidiomar Ribeiro Da-Silva^{1*} & Luci Boa Nova Coelho²

1-Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ

2-Laboratório de Entomologia, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ

*elidiomar@gmail.com

Resumo

Ao longo da história, tem-se creditado às bruxas uma sabedoria secreta, frequentemente ridicularizada e temida. De certa forma, isso causou o extermínio das bruxas ao longo do tempo. Ainda assim, a figura da bruxa é recorrente na cultura popular e está presente em diferentes mídias. O nome comum associado à bruxa traz aos animais, na maioria das vezes, uma conotação negativa. Isso é particularmente efetivo em relação aos insetos, especialmente as mariposas. Por outro lado, a maioria das plantas associadas às bruxas, com exceção das orquídeas, têm propriedades medicinais e um histórico de utilização popular para diversos fins. Tal fato aproxima essas plantas da persona das bruxas enquanto mantenedoras da sabedoria popular.

Palavras-chave: botânica; etimologia; feiticeiras; zoologia.

Abstract

"The witch is loose": animals and plants with common name alluding to the term "witch" and derivatives.

At the turn of history, witches have been credited with secret wisdom, often ridiculed and feared. In a way, this has caused witches to be exterminated over time. Still, the figure of the witch is recurrent in popular culture and is present in different types of media. The common name associated with the witch brings the animals, most of the time, a negative connotation. This is particularly effective for insects, especially moths. On the other hand, most plants associated with witches, with the exception of orchids, have medicinal properties and a history of popular use for various purposes. Such fact brings these plants closer to the witches' persona as maintainers of popular wisdom.

Keywords: botany; enchantress; etymology; zoology.



Introdução

As bruxas e bruxos recebem muitas denominações diferentes - feiticeiros, xamãs, curandeiros, místicos, alquimistas, médiuns, videntes. Mas seja qual for a denominação, eles possuem um vínculo comum: o relacionamento ímpar com a natureza, com a divindade e com a sociedade humana. Ao longo da história, tem-se creditado a essas pessoas (notadamente às mulheres) uma sabedoria secreta, frequentemente ridicularizada pelas religiões institucionalizadas e pela comunidade científica. Isso causou e justificou a perseguição e o extermínio das bruxas ao longo do tempo (CABOT & COWAN, 1991), além da desvalorização do saber feminino (FEDERICI, 2017).

Estigmatizada, a bruxa é personagem recorrente em contos, lendas, filmes e outras manifestações da cultura pop. Contos clássicos, como “Banca de Neve” e “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, e sucessos do cinema, como “As Bruxas de Salém” (“The Crucible” no original; dirigido por Nicholas Hytner – Fox, 1996), “João e Maria: Caçadores de Bruxas” (“Hansel and Gretel: Witch Hunters”; dirigido por Tommy Wirkola - Paramount, 2013) e “A Bruxa” (“The Witch”; dirigido por Robert Eggers, Universal, 2015), se encarregam de deixar a persona da bruxa bem viva no imaginário popular. Persona essa que está frequentemente associada a outros animais (FEDERICI, 2017). Por exemplo, na ilustração reproduzida na Figura 1, a clássica bruxa está acompanhada por um cão (*Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758 – Carnivora: Canidae), um gato (*Felis silvestris catus* Linnaeus, 1758 – Felidae), um rato (Rodentia: Muridae) e uma coruja (Strigiformes), animais frequentemente associados a bruxarias.



Figura 1. Uma imagem clássica da bruxa inglesa: velha, decrépita, rodeada de animais e de suas cupinchas, e ainda mantendo uma postura provocadora (FEDERICI, 2017). Os animais que podem ser vistos na ilustração são um cão, um gato, um rato e uma coruja.

As bruxas eram vistas como seres malignos que aprontavam confusões e destruíam a vida dos outros. Como forma de sanar os problemas, eram capturadas e assassinadas. Porém, se os malefícios continuassem mesmo após o extermínio, era sinal de que alguma outra bruxa ainda estava por perto. Isso deu origem à expressão portuguesa “a bruxa tá solta”, ainda hoje usada para designar situações de azar. No futebol e outros esportes de competição, por exemplo, quando um determinado time tem muitos jogadores lesionados, diz-se que “a bruxa tá solta”. Para KRAMER & SPRENGER (2004), as bruxas matavam animais e destruíam plantações. Podiam também trazer infertilidade, envenenar rios e poços,



destruir lavouras com o uso de lagartas (Insecta: Lepidoptera) ou enormes nuvens de gafanhotos (Orthoptera). As bruxas tinham poder de se transmutar em animais, como cães, gatos, lobos (*Canis lupus* Linnaeus, 1758) e serpentes (Squamata: Serpentes), e de transformar homens em feras (VIANA, 2010).

O processo de dar nome a um organismo é parte de um sistema altamente organizado para o estabelecimento de relacionamentos genéticos e identificação de tendências evolutivas. Como as pessoas frequentemente dão nomes locais aos animais, plantas e outros organismos no seu idioma nativo, há quase tantos nomes comuns para o mesmo ser quanto o número de línguas existentes. Para os cientistas, essa pluralidade de nomes representa uma barreira para o compartilhamento de informações. Portanto, além dos ditos nomes comuns, cada organismo tem um nome científico, um nome em latim ou latinizado, composto por duas palavras, que o identifica em qualquer lugar (SILVA, 2013). Assim, a classificação taxonômica em geral e, em particular, essa nomenclatura binária das espécies, segundo os preceitos instituídos pelo botânico sueco Carl Linné (Carolus Linnaeus, 1707-1778), permitiram universalizar a identificação dos seres vivos. Transpondo as barreiras idiomáticas, mediante a adoção do latim como língua oficial e única para a denominação científica dos animais e das plantas, foi fácil internacionalizar a identidade específica desses seres (JÚLIO DA PONTE, 1985).

O presente trabalho teve por objetivo inventariar os animais e plantas cujo nome comum faz algum tipo de alusão a bruxas e suas variações, analisando seus significados. Para tal, a coleta de dados e informações foi realizada através de levantamento teórico, buscando bibliografia especializada, sob forma de livros, artigos e informações na internet.

Seres com nomes alusivos à bruxa

Alguns animais e plantas têm o nome comum associado ao termo “bruxa” ou seus derivados. E tal fato constitui uma oportunidade de se investigar que tipo de conotação isso representa.

Como as mariposas (Lepidoptera) são predominantemente noturnas e várias delas são grandes e escuras, muita gente acha que elas dão azar. Por isso, recebem o apelido de “bruxas” (OLIVEIRA, 2016). Provavelmente a mais famosa por tal associação seja a mariposa-bruxa, mariposa-negra ou bruxa-negra, *Ascalapha odorata* (Linnaeus, 1758) (Erebidae), um dos maiores integrantes da superfamília Noctuoidea (Figura 2). Endêmica da região compreendida entre a América do Sul tropical e o sul dos Estados Unidos,



Figura 2. *Ascalapha odorata* (Linnaeus, 1758) (Lepidoptera: Erebidae). Foto: Enio Branco.



mas eventualmente chegando ao Canadá, a espécie foi também introduzida no Havaí (VAN NOORT, 1998; EKREM *et al.*, 2014). Foi HÜBNER (1809) que transferiu a espécie para um gênero próprio, *Ascalapha* Hübner, 1809, nome referente ao personagem da Mitologia Grega Ascálafo, demônio horticultor do Mundo dos Mortos, onde trabalha para Hades. Isso indica que Hübner já sabia da má fama do inseto, posto que os antigos diziam que se essa mariposa entrasse em sua casa seria sinal de azar. Ainda hoje, muitas crendices dizem que, ao ver uma mariposa-bruxa em casa, deve-se matá-la sem tocar nela e, posteriormente, queimá-la com álcool e sal grosso para evitar o mau agouro (RIGOLON, 2014).

Outra mariposa popularmente denominada de mariposa-bruxa (C. Godinho Jr, comunicação pessoal) é *Langsdorfia franckii* Hübner, 1824 (Lepidoptera: Cossidae) (Figura 3). Sua característica marcante são as manchas claras bem nítidas, lembrando olhos, desenhadas no dorso. Isso confere ao



Figura 3. *Langsdorfia franckii* Hübner, 1824 (Lepidoptera: Cossidae). Foto: Celso Godinho Jr.

inseto um aspecto de carranca ou bruxa, o que deve ter lhe valido o nome comum. Também borboletas podem ser associadas a bruxas, como ocorre com a borboleta-coruja, gênero *Caligo* Hübner, 1819 (Nymphalidae: Brassolini) (COSTA-NETO, 2007) (Figura 4). Por sinal, os Brassolini, muitos dos quais de grande porte e hábito crepuscular, podem ser confundidos com mariposas por parte dos leigos.

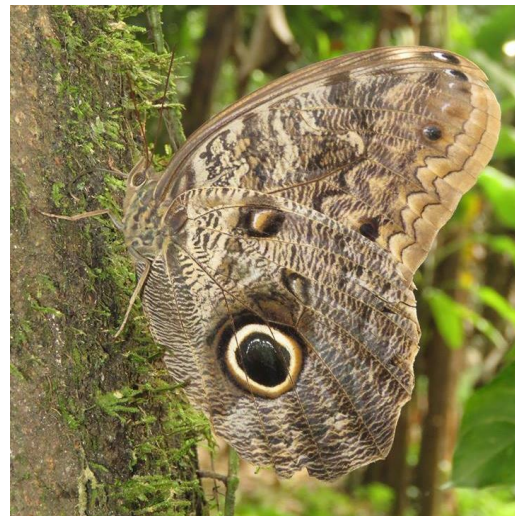


Figura 4. *Caligo brasiliensis brasiliensis* (C. Felder, 1862) (Lepidoptera: Nymphalidae). Foto: Diogo Luiz.



Ainda dentro do mundo dos insetos, formiga-feiticeira ou simplesmente feiticeira é o nome comum das vespas da família Mutillidae (Hymenoptera), especialmente as fêmeas, que são ápteras e têm aparência de formiga (Figura 5). O inseto está associado ao conhecimento tradicional em remanescentes de quilombos, sendo usado de modo zoterápico (AGUIAR *et al.*, 2016). Muitas pessoas evitam o contato com a formiga-feiticeira por conta da ferroadada dolorosa que, segundo OLIVEIRA (2017), pode latejar por até 48 horas.



Figura 5. *Hoplmutilla spinosa* (Swederus, 1784) (Hymenoptera: Mutillidae).
Foto: Diogo Luiz.

Os peixes-bruxa ou feiticeiras (Myxini) (Figura 6) são vertebrados basais que apresentam corpo cilíndrico, cauda lateralmente comprimida, ausência de arcadas dentárias, pele lisa e com muitas glândulas de muco. São exclusivamente marinhos, sendo encontrados em águas frias de quase todos os



Figura 6. Região anterior de um peixe-bruxa (Myxini).
Exemplar depositado na Coleção Didática do Departamento de Zoologia da UNIRIO. Foto: Mariana Guedes.



oceanos. O muco secretado é importante como defesa, pois pode bloquear as brânquias dos outros peixes, causando sufocamento (ROCHA-BARBOSA & GOMES, 2009). Por conta desse muco, abundantemente expelido, o animal assusta os pescadores que o capturam, especialmente os menos experientes; essa seria a causa do nome comum. Outros peixes com mesma inspiração para o nome comum são os cações-bruxa (Hexanchiformes: Hexanchidae). Duas espécies se destacam: *Hexanchus griseus* (Bonnaterre, 1788), também chamada de tubarão-albafar, que pode atingir 5 metros de comprimento e ocorre em zonas subtropicais; e *Notorynchus cepedianus* (Poey, 1861), que chega a 3 metros de comprimento e é potencialmente agressivo para o homem (EBERT, 1991).

Com relação às plantas, há algumas espécies que recebem o nome popular de vassoura-de-bruxa. Uma delas é a hamamélis, *Hamamelis virginiana* Linnaeus (Saxifragales: Hamamelidaceae), também conhecida como aveleira-de-bruxa ou castanha-de-bruxa (Figura 7). É uma planta muito conhecida no Hemisfério Norte, de onde é nativa, sendo usada para a cura de diversos incômodos (LIZÁRRAGA *et al.*, 2008). Outra vassoura-de-bruxa é uma arvoreta do Cerrado e da Mata Atlântica, a *Ouratea hexasperma* (A.St.-Hil.) Baill. (Malpighiales: Ochnaceae) (Daniel *et al.*, 2005), cuja casca tem propriedades cicatrizantes, sendo usada na medicina popular. Complementando, vassoura-de-bruxa é também o nome de uma séria doença causada às plantas, especialmente o cacaueteiro (*Theobroma cacao* Linnaeus – Malvaceae: Sterculioideae), a partir da infestação de um fungo, *Moniliophthora perniciosa* Stahel Aime & Phillips-Mora (Agaricales: Marasmiaceae). O estabelecimento da doença foi um duro golpe na economia cacaueteira nas cercanias de Ilhéus, na Bahia. Como a vassoura-de-bruxa apodrece os frutos do cacau, a safra despencou e os fazendeiros se afundaram em dívidas. Um gravíssimo problema econômico e social se instalou (SPADOTTO, 2017). Uma verdadeira “praga da bruxa”.



Figura 7. *Hamamelis virginiana* Linnaeus (Saxifragales: Hamamelidaceae). Adaptado de: https://en.wikipedia.org/wiki/Hamamelis_virginiana.



Synedrella nodiflora (L.) Gaertn., popularmente conhecida como folha-da-feiticeira, botão-de-ouro, corredeira ou barbatana, é uma Asteraceae (Asterales) nativa da América tropical, disseminada por diversas regiões, inclusive na costa oeste da África. No candomblé brasileiro é considerada negativa por diversos pais-de-santo, sendo utilizada, principalmente, em trabalhos maléficos e, por isso, também é conhecida como "a folha do feitiço" (VERGER, 1995; BARROS & NAPOLEÃO, 1999). *Connarus patrisii* (DC.) Planch (Connaraceae), a árvore-dos-feiticeiros, é uma arvoretta nativa não endêmica na Região Amazônica brasileira. Suas sementes são recomendadas para ajudar a recuperar a força após o abatimento causado por doenças gerais (MORS *et al.*, 2000; CASCUDO, 2013).

O guaco ou erva-de-bruxa (*Mikania glomerata* Spreng. – Asterales: Asteraceae) é um tipo de planta medicinal utilizada contra gripe, rouquidão, infecção na garganta, tosse e bronquite (ROCHA *et al.*, 2008). A planta é também conhecida como erva-de-serpente, cipó-catinga ou erva-de-cobra. O guaco é utilizado, sob forma de unguento, para combater o veneno das cobras e outros animais peçonhentos. Existe também a tradição de usar a planta fresca e nova (de cujas folhas emanam um aroma intenso e agradável) para manter as cobras afastadas. De nome comum semelhante (erva-de-bruxo), o gênero *Verbena* Linnaeus (Lamiales: Verbenaceae) historicamente tem sido associado à bruxaria, magia e feitiçaria (VAN FEU, 2015).

Duas orquídeas (Asparagales: Orchidaceae) de grande beleza têm nomes comuns referenciais à bruxa: *Cattleya walkeriana* (Gardner, 1839), da variedade Feiticeira (SHIRAKI & DIAZ, 2008), e *Brasilaelia purpurata* (Lindl. & Paxton) Campacii, a joia da bruxa. O descobridor da variedade Feiticeira a batizou assim devido à beleza de sua forma e cores, que enfeitiçam quem a vê. A *B. purpurata* é uma orquídea de rara e delicada beleza que passou quase 50 anos escondida por seu descobridor. Posteriormente a filha dele a vendeu por uma elevada soma em dinheiro. A vendedora era uma senhora muito ranzinza, sendo daí o nome joia da bruxa (GLOEDEN, 1998).



Figura 8. *Cattleya walkeriana* (Gardner, 1839) variedade Feiticeira. Foto: Talles Garcia.

Antigamente, várias ervas e plantas que se supunha possuírem poderes místicos recebiam apelidos "bruxos". Alguns desses antigos nomes ainda são usados por muitos herbalistas de hoje, como a grama-de-feiticeira, *Agropyron repens* (L.) P. Beauv. (Poales: Poaceae); os sinos-de-feiticeira, *Digitalis*



Linnaeus (Lamiales: Plantaginaceae); o círio-de-bruxa, *Verbascum thapsus* Linnaeus (Lamiales: Scrophulariaceae); a vassoura-de-feiticeira, *Calluna vulgaris* (L.) Hull. (Ericales: Ericaceae); a erva-de-feiticeira, *Conium maculatum* Linnaeus (Apiales: Apiaceae); a raiz-de-feiticeira, *Panax ginseng* C.A. Mey. (Apiales: Araliaceae); e a bolsa-de-feiticeira, *Capsella bursa-pastoris* Linnaeus (Brassicales: Brassicaceae) (VAN FEU, 2015).

Considerações finais

Estudos que analisam o modo como a população vê a biodiversidade têm apontado que as características morfológicas e os nomes dos organismos podem influenciar fortemente a percepção e as atitudes humanas (BIZERRIL, 2000; COSTA-NETO, 2006). Ou seja, muitas vezes o nome comum das espécies influencia a atitude das pessoas. Adicionalmente, as fontes de informação não relacionadas à educação formal, como televisão, jornais e internet, podem não fornecer referências adequadas sobre as espécies (BIZERRIL *et al.*, 2007). Dentro dessa problemática, também o imaginário popular, suas credences, lendas e causos contribuem para perpetuar por gerações a (má) fama de alguns seres.

Assim sendo, a associação de uma espécie ou grupo supra específico com o nome “bruxa” traz, na maioria das vezes, algum tipo de conotação negativa. Dentre os animais, isso é particularmente efetivo em relação às mariposas. Criaturas de hábitos noturnos e invasoras frequentes dos lares humanos, por serem atraídas pela luz, as mariposas – em especial as de maior porte e de coloração mais escura – causam medo e repulsa em muitas pessoas. Interessante paralelo pode ser traçado entre a situação das mariposas e a dos gatos, animais que, mesmo que não tendo alusão no nome comum às bruxas (o que os exclui do presente trabalho), são fortemente associados a elas e, portanto, perseguidos ao longo da história (DA-SILVA, 2016). Nesse cenário, o investimento em divulgação científica, uma efetiva tentativa de adequar à linguagem do povo a ciência real dos fatos, pode ser um caminho interessante para se desmistificar as credences e superstições, principalmente aquelas que causam algum tipo de dano aos outros seres vivos. Com isso, espera-se que as credences e superstições permaneçam desempenhando seu papel cultural, mas apenas como causos.

Já com relação às orquídeas, a associação com o nome bruxa está relacionada à beleza encantadora ou a uma história pitoresca. Por outro lado, a maioria das demais plantas associadas às bruxas o são devido às suas propriedades medicinais, tendo um histórico de utilização popular para diversos fins. Tal fato aproxima essas plantas da persona das bruxas enquanto mantenedoras da sabedoria popular.

Agradecimentos

A Celso Godinho Jr, Diogo Luiz, Enio Branco, Mariana Guedes e Talles Garcia pela permissão de uso das fotografias. À Tainá Silva (UNIRIO) pela revisão ortográfica do Abstract.

Referências

- AGUIAR, N.C.; DINIZ, T.C.; CAMBRAIA, R.P. & CARVALHO, M.A. 2016. Registro fotográfico da ‘formiga de ouro’ - Mutillidae na Serra do Espinhaço meridional, Brasil. **Expressa Extensão** 21(1): 187-195.
- BARROS, J.F.P. & NAPOLEÃO, E. 1999. **Ewé Òrìsà – uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô**. Bertand Brasil, 518 p.
- BIZERRIL, M.X.A. 2000. Humanos no zoológico. **Ciência Hoje** 28(163): 64-67.
- BIZERRIL, M.X.A.; LOUZADA DA SILVA, D.; ROCHA, D.M.S.; PERES, J. & FURONI, G. 2007. Percepção de alunos de ensino fundamental sobre a biodiversidade: relações entre nomes de organismos, mídia e periculosidade. In: **Anais do VI Encontro Nacional**



de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC [online]. Disponível em http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/search0.html. Acesso em 15 de dezembro de 2017.

CABOT, L. & COWAN, T. 1991. **O poder da bruxa. A Terra, a lua e o caminho mágico feminino.** 3ª edição. Editora Campus, 329 p.

CASCUDO, L.C. 2013. **Tradição, ciência do povo.** 2ª edição. Global Editora, 168 p.

COSTA-NETO, E.M. 2006. Bird-spiders (Arachnida, Mygalomorphae) as perceived by inhabitants of the village of Pedra Branca, Bahia state, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 2:50. 2006.

COSTA-NETO, E.M. 2007. *Fulgora lanternaria* Linnaeus, 1758 (Hemiptera: Fulgoridae) na concepção dos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. **Revista de Ciências Ambientais** 1(1): 35-56.

DANIEL, J.F.S.; CARVALHO, M.G.; CARDOSO, R.S.; AGRAB, M.F. & EBERLINC, M.N. 2005. Others flavonoids from *Ouratea hexasperma* (Ochnaceae). **Journal of the Brazilian Chemical Society** 16(3B): 634-638.

DA-SILVA, E.R. 2016. Gato preto não dá azar – Como a cultura pop pode ajudar a quebrar crendices populares. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.), **I Colóquio de Zoologia Cultural – Livro do Evento.** Editora Perse, p. 136-144.

EBERT, D.A. 1991. Diet of the seven gill shark *Notorynchus cepedianus* in the temperate coastal waters of southern Africa. **South African Journal of Marine Science** 11(1): 565-572.

EKREM, T.; KEVAN, P.G.; WOODCOCK, T.S. & HEBERT, P.D.N. 2014. The most northerly black witch (*Ascalapha odorata*): a tropical moth in the Canadian Arctic. **The Canadian Field-Naturalist** 128: 77-79.

FEDERICI, S. 2017. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Editora Elefante, 464 p.

GLOEDEN, H. 1998. **A Jóia da Bruxa e outras histórias de orquídeas e orquidófilos.** Ativa, 170 p.

HÜBNER, J. 1809. **Sammlung exotischer Schmetterlinge.** Vol. 1. Jacob Hübner, 450 p.

JÚLIO DA PONTE, J. 1985. Propostas de uniformização pertinentes às nomenclaturas científica e vulgar dos nematoides das galhas. **Revista Ciência Agronômica** 16(1): 41-44.

KABASAKAL, H. 2006. Distribution and biology of the bluntnose sixgill shark, *Hexanchus griseus* (Bonnaterre, 1788) (Chondrichthyes: Hexanchidae), from Turkish waters. **Annales Series Historia Naturalis** 16: 29–36.

KRAMER, H. & SPRENGER, J. 2004. **Malleus Maleficarum: o Martelo das Feiticeiras.** Record, 425 p.

LIZÁRRAGA, D.; TOURIÑO, S.; REYES-ZURITA, F.J.; KOK, T.M.; VAN DELFT, J.H.; MAAS, L.M.; BRIEDÉ, J.J.; CENTELLES, J.J.; TORRES, J.L. & CASCANTE, M. 2008. Witch hazel (*Hamamelis virginiana*) fractions and the importance of gallate moieties—electron transfer capacities in their antitumoral properties. **Journal of Agricultural Food and Chemistry** 56(24): 11675–11682.

MORS, W.B.; RIZZINI, C.T.; PEREIRA, N.A. & DEFILIPPS, R.A. 2000. **Medicinal plants of Brazil.** Reference Publications, 501 p.

OLIVEIRA, I.F. 2016. **Bruxas incompreendidas. Chegou a hora de conhecer a beleza e a importância das mariposas.** Ciência Hoje das Crianças. [online]. Disponível em <http://chc.org.br/bruxas-incompreendidas/>. Acesso em 26 de dezembro de 2017.

OLIVEIRA, M.I. 2017. Câmara e natureza. Formiga-feiticeira. **Agora na Câmara. Boletim Informativo da Câmara Municipal de Morro Agudo** 19(247): 7.

RIGOLON, R.G. 2014. **A mariposa da morte (especial Dia das Bruxas).** Nomes Científicos. [online]. Disponível em www.facebook.com/NomesCientificosNoFace/photos/a.161898873960633.36264.161842897299564/391207657696419/?type=3&theater. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

ROCHA, L.; LUCIO, E.M.A.; FRANÇA, H.S. & SHARAPIN, N. 2008. *Mikania glomerata* Spreng: desenvolvimento de um produto fitoterápico. **Revista Brasileira de Farmacognosia** 18 (Supl.): 744-747.

ROCHA-BARBOSA, O. & GOMES, U.L. 2009. **Diversidade biológica dos deuterostomados.** Volume 2 - Módulo 3. 3ª edição. Fundação CECIERJ, 164 p.

SHIRAKI, J.N. & DIAZ, E.M. 2008. **Orquídeas.** Prefeitura de São Paulo, 178 p.



SILVA, L.A.M. 2013. **Nomenclatura botânica**. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Departamento de Ciências Biológicas – DCB Modalidade EAD - Botânica I-2013. [online]. Disponível em http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/modulo_7_bloco_1/1_unidade/material_apoio/3_nomenc_botanica. Acesso em 18 de dezembro de 2017.

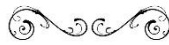
SPADOTTO, C. 2017. A bruxa ainda está solta. **Agro DBO 12**(74): 53.

VAN FEU, E. 2015. **Herbarium – Propriedades mágicas das ervas**. Editora Linhas Tortas, 74 p.

VAN NOORT, S. 1998. The black witch, *Ascalapha odorata* (Linnaeus) (Noctuidae) visits again: an example of long distance wind dispersal. **Metamorphosis 9**(2): 93-94.

VERGER, P.F. 1995. **Ewé - O uso das plantas na sociedade ioruba**. Companhia Das Letras, 618 p.

VIANA, G.N. 2010. As bruxas no Malleus Maleficarum: caracteres, práticas e poderes demoníacos. In: CARVALHO, A.G. & LIMA, I.C. (ed.), **Anais do V Encontro Estadual de História ANPUH-BA. História e memórias: lugares, fronteiras, fazeres e política**. 2ª edição. [online]. Disponível em http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/G/Geysa_Novais_Viana.pdf. Acesso em 13 de dezembro de 2017.



Publicado em 31-12-2017

